

## CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS COMPARATIVOS DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ: AS LÍNGUAS DO SUBCONJUNTO VIII

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (LALI, LIV, UnB)

Marina Maria Silva Magalhães (LALI, UnB/Faculdade Michelangelo)

*Abstract:* Taking into consideration the internal classification of the Tupí-Guaraní linguistic family by Rodrigues, subset VIII of that family is scrutinized in order to check it under the light of new data now available and to add further evidence, both phonological and grammatical, of its consistency, as well as to identifying splits inside the same subset. Influences from languages of other subsets of the same family and of members of other linguistic families were also taken into account.

*Keywords:* Tupí-Guaraní, internal classification, subset VIII, language contact.

Na sua classificação interna da família Tupí-Guaraní, Rodrigues (1985) incluiu no ramo VIII as línguas Wayampí (Oyampí) (Wy), Wayampípukú (Wp), Emérillon (Em), Urubu-Ka'apór (Kp), Guajá (Gj), e Anambé de Ehrenreich (An-E), as quais, segundo o mesmo autor (1985:41-42) compartilham as seguintes propriedades fonológicas:

- (a) perda parcial das consoantes finais;
- (b) fusão de *\*tʃ* e *\*ts*, ambos mudados em *h* ou zero;
- (c) mudança de *\*pw* em *kw*;
- (d) mudança de *\*pj* em *s*;
- (e) conservação de *j*.

Na revisão desse trabalho pioneiro sobre o desmembramento da família Tupí-Guaraní, Rodrigues e Cabral (2002) consideraram membro desse subconjunto também o Jo'é, cujos falantes foram contactados apenas no final do século XX, língua que, como demonstrado em Cabral (1996a), é estreitamente relacionada com o Wayampí e com o Emérillon. Com os dados que na última década se tornaram disponíveis de línguas como o Jo'é (Cabral 1996a, 1996b, 2000), o Emérillon (Rose 2000) e o Guajá (Magalhães 2002a, 2002b), tem-se tornado possível visualizar com maior nitidez as semelhanças e diferenças entre essas línguas e fundamentar algumas hipóteses sobre o desmembramento do ramo VIII.

Mostraremos, em seguida, outros fatos fonológicos, assim como fatos gramaticais e lexicais, que constituem fundamentos adicionais para a reunião dessas línguas no ramo VIII:

- (a) O Gj perdeu as consoantes em final de palavra, mas as manteve quando a raiz é seguida de sufixos flexionais: *i-mĩnĩ* /R<sup>2</sup>-filho(a) de mulher/ 'ela tem filho(a)', *i-mĩnĩ-a* /R<sup>2</sup>-filho(a) de mulher-Arg/ 'filho(a) dela'; *a-pĩhĩ* /1-pegar/ 'eu pego', *a-jú warí Ø-pĩk-á* /1-vir guariba R<sup>1</sup>-pegar-Ger/ 'eu vim para pegar guariba'. Situação análoga é encontrada no Wp (ou Wajampí do Amaparí), no qual as consoantes finais de vários nomes, que caem antes de silêncio, mantêm-se quando esses nomes se combinam com o morfema do caso argumentativo (*-a* ~ *-ĩ* ~ *-Ø*): *e r-ajĩ* /1-R<sup>1</sup>-filha de homem/ 'eu tenho filha (homem falando)'; *e r-ajĩ-a* /1-R<sup>1</sup>-filha de homem/ 'minha filha (homem falando)' (Jensen 1980:98-99).
- (b) O Wy e o Gj deslocaram parcialmente o acento original do PTG, que se associava à última sílaba das raízes. No Gj o acento se deslocou para a direita, em situações específicas, como em sílabas correspondentes a sufixos que anteriormente eram pós-tônicas. Exemplos em que esse deslocamento se consolidou são as sílabas finais de temas flexionados pelo sufixo de

negação, que hoje são acentuadas, mas que originalmente eram pós-tônicas: PTG *\*n a-ts-epják-i* /Neg 1-R<sup>2</sup>-ver-Neg/ > Gj *n a-tjak-i* /Neg 1-ver-Neg/ ‘eu não o vi’.

Por outro lado, em sílabas correspondentes a outros sufixos, como os casuais, o acento original se manteve:

PTG *\*i-memâr-a* /R<sup>2</sup>-filho(a) de mulher-Arg/ ‘filho(a) dela’ > Gj *i-mâmâr-a* /R<sup>2</sup>-filho(a) de mulher-Arg/ ‘filho(a) dela’.

No caso do Wy os fatores que concorreram para o deslocamento de acento ainda não foram suficientemente explicados. Um dos casos em que esse deslocamento ocorreu é o de palavras com mais de duas sílabas, cuja sílaba acentuada original tinha o padrão *\*\$’tsV\$* ou *\*\$’tjV\$*, mas com o enfraquecimento, nessa língua, dos sons *\*ts* e *\*tj* do PTG em  $\emptyset$ , foram criadas seqüências vocálicas que favoreceram o surgimento de ditongos decrescentes, como *kwarái* ‘sol’ < PTG *\*kwaratsí* ‘sol’ e *tajáw* ‘queixada’ < PTG *\*tajatjú* ‘queixada’ (dados de Eliete Solano, comunicação pessoal).

- (c) A seqüência do PTG *\*ti* mudou para *tfi* em Gj e An-E, para *tsi* ~ *si* em Em e para *si* em Jo, Kp e Wy: Gj *watfi*, An-E *awatfi*, Em *awatsí* ~ *awasí*, Wy, Wp, Kp *awasí* ‘milho’, e Jo ‘é *awasí* ‘cana de açúcar’.
- (d) Exceto o Kp, que perdeu a distinção entre *u* e *o* e entre *ũ* e *õ*, todas as línguas mantiveram contraste entre as seis vogais orais e suas respectivas contrapartes nasais reconstruíveis para o PTG: *i, e, í, a, u, o / ĩ, ě, ɣ̃, ã, ã̃, õ*.
- (e) A forma fonológica do PTG *\*je-* ‘reflexivo’ > *ji-* em Gj, Jo e Em.
- (f) Todas as línguas que mantiveram parcialmente consoantes diante de silêncio, perderam apenas os reflexos de PTG *\*β* e *\*w*: Jo, Em, Kp. O Wy foi a única língua que perdeu os reflexos de *\*β*, mas manteve reflexos de *\*w* (Jo, Em, Wp, Wy, Kp *-pé* < PTG *\*-pép* ‘chato’; Jo, Em, Wp, Wy, Kp *-orí* < PTG *\*-oríβ* ‘alegre’; Jo *-idó*, Em *-idó*, Wp *-inó*, Kp *-inú* < PTG *\*-enúβ* ‘ouvir’; mas PTG *\*péw* ‘pus’ > *-pé* em Jo, Em, Wp, Kp e *-pew* ‘pus’ em Wy<sup>1</sup>.
- (g) Todas as línguas têm *tf* ou *s* inicial em palavras como: Gj *tfuži*, Jo *soži*, Wp *suži*, Kp *suži*, Em *tsožó* ~ *sožó* ‘morder’; Gj *-ratfã*, Jo *-roísán*, Em *-rošsán* ~ *-roísán*, Wy *-roisã* ‘frio’.
- (h) Em todas as línguas do ramo as vozes ‘recíproca’ e ‘reflexiva’ são expressas por um único morfema *jo-* ou *ji-* (Jo, Em, Gj *ji-* ‘reflexivo/recíproco’; Wy, Wp e Kp *jo-* ‘reflexivo/recíproco’).
- (i) Todas as línguas do ramo preservaram apenas o prefixo correferencial de terceira pessoa, exceto o Kp e o Gj, que não mantiveram nenhuma forma correferencial (Jo, Em, Wy: *o-namí-∅* ‘sua própria orelha’).
- (j) Todas as línguas, exceto o Gj, eliminaram as estratégias morfossintáticas que expressavam o modo indicativo II reconstruível para o PTG. No Wp (Jensen 1988:106) há vestígios inanalísáveis do antigo sufixo modal em verbos como *-ekó*. Segundo Jensen, a forma indicativa de terceira pessoa é *o-jkó*, mas quando o predicado com argumento externo de terceira pessoa (verbos transitivos) ou com argumento interno de terceira pessoa (verbos intransitivos) é precedido de uma circunstância, a forma *-ekój* ocorre: *pee rupi ekoj* ‘está (em movimento) no caminho’. Contudo, no Gj, em que o Indicativo II continua ativo na terceira pessoa, os alomorfes do sufixo modal têm formas distintas da encontrada no Wajampí: Gj *mõ kamairú i-hó-ni mĩ-pe* ‘onde Kamairú foi?’
- (h) Nenhuma das línguas manteve reflexos dos pronomes ergativos reconstruíveis para o PTG *\*jepé* ‘2’ e *\*pejepé* ‘23’.
- (i) O Jo, o Em, o Wy e o Wp mantiveram reflexos do PTG *\*ti-* ‘primeira pessoa inclusiva de verbos transitivos’: Jo: *si-pihám* ‘nós (incl.) o beliscamos’, Em: *tsi-pihám* ‘nós (incl.) o beliscamos’, Wy: *jané si-mo-pirã* ‘nós (incl.) o pintamos (o fizemos ficar vermelho)’.

<sup>1</sup> Esses dados do Wy nos foram fornecidos por Eliete Solano, a quem agradecemos.

- (j) Com exceção do Gj, todas as línguas perderam os sufixos de gerúndio, mas as que o perderam continuam mantendo as características básicas do sistema de codificação de argumentos nos verbos transitivos nesse modo (exceto o Kp): Jo *a-há Namihú r-esák* ‘fui para ver Namihú’, Em *o-ho tar pureru r-eka* ‘ele vai para procurar sapo’ (Rose 2003), Gj: *a-hó ni r-itfak-á* ‘fui para te ver’.

No Wy a forma do gerúndio manteve, segundo Jensen (1986:104-105), alguns vestígios nos casos em que uma forma verbal recebia o alomorfe *-ta* do sufixo desse modo, assim como no pluralizador *kupa* (< PTG *\*-kúp-a* /-estar.juntos-Ger/ ‘...estando juntos’).

Quanto ao Gj, dos alomorfes originais do morfema do gerúndio foi mantido apenas o alomorfe *-a*. Como todos os *w* em posição final desapareceram completamente nesta língua, o alomorfe do morfema de gerúndio que ocorria depois de vogal e que seria provavelmente *-w* em um estágio anterior dessa língua, foi perdido. Desenvolveu-se um novo alomorfe *-pa* do gerúndio ( $\sim$  *-ma/Ń*  $\underline{\quad}$ ) que se estendeu a todos os temas terminados por vogal, preenchendo, dessa forma, o vazio resultante da queda de *-w*. Como todos os glides caíram em final de temas, estes últimos passaram a se combinar com o novo alomorfe do gerúndio. Note-se que no Wy (Jensen 1988:103) o único alomorfe que se manteve foi *-ta* seguindo temas terminados por *j* (*ekĵ-ta* ‘pegando-o’), mas, como observou Jensen, são poucas as suas ocorrências.

- (k) Todas as línguas desse subconjunto ou mantêm parcialmente o sufixo do caso argumentativo ou dele guardam alguns vestígios. O Kp mantêm vestígios inalisáveis sincronicamente em temas que terminavam por *r* (Cabral 2001). O Wy mantêm um alomorfe *-ĩ* do caso argumentativo depois de consoante velar nasal, um alomorfe *-a* em temas terminados por outras consoantes e um alomorfe  $\emptyset$  em temas terminados por vogal, mas os alomorfes *-a* e *-ĩ* ocorrem apenas em certos contextos do discurso, não ocorrendo, por exemplo, em final de enunciado (Jensen 1988:98-99). O An-E mantinha o alomorfe *-a* seguindo consoantes e o alomorfe  $\emptyset$  seguindo vogais, *-piráŋ-a* ‘vermelhidão’, *konomi-∅* ‘criança’. O Jo e o Em mantêm o alomorfe *-ĩ* seguindo consoante velar nasal, o alomorfe *-a* seguindo as demais consoantes e o alomorfe  $\emptyset$  seguindo vogais. Porém, em certos contextos sintáticos, o alomorfe *-a* pode ser apagado, como, por exemplo, quando a palavra seguinte começa por vogal, ou, como no Wy, em final de enunciado (Cabral 2001). O Guajá é a única língua do ramo que possui o alomorfe *-a* seguindo temas terminados por vogais, exceto pelas vogais *a* e *ã*, após as quais o alomorfe é  $\emptyset$ : *mĵŋr-a* ‘flor’, *ajrú-a* ‘papagaio’, *pirá-∅* ‘peixe’, *k<sup>w</sup>ajã-∅* ‘mulher’.
- (l) Todas as línguas do ramo situadas ao norte do Amazonas têm empréstimos da família Karíb: Wp *susú*, Jo *sosó*, Em *tsotsó* ~ *sosó* ‘seio’.

## Discussão

Embora as línguas incluídas no subconjunto VIII (Rodrigues 1985, Rodrigues e Cabral 2002) tenham cada uma delas características próprias, a natureza e a quantidade de traços que compartilham, os quais não são encontrados em outras línguas Tupí-Guaraní do Nordeste da Amazônia, constituem fortes evidências de que elas possuem uma história comum. Os principais traços compartilhados por essas línguas são a perda total das consoantes labiais em final de palavra, ou a perda das consoantes de final de raízes apenas antes de silêncio; a perda parcial do caso argumentativo; a perda total, ou manutenção com modificação, do sufixo do gerúndio; a perda na maioria das línguas da manifestação do Indicativo II; a perda dos pronomes ergativos; a existência de uma única forma para expressar tanto o reflexivo quanto o recíproco.

Algumas das características específicas de cada língua são: (a) em Jo’é, a desnasalização de consoantes nasais em temas com acento oral, a mudança de *á* para *é* em final de palavra, a combinação de temas com o morfema *-rahí* para expressar desejo, como em *-ŋú-rahí* ‘querer comer’; (b) em Emérillon a mudança de *j* para *dʒ* antes de silêncio, a mudança da forma fonológica

da partícula de negação que se fixou como *ni* independentemente de a palavra seguinte começar por vogal ou consoante, enquanto na maioria das línguas do ramo essa partícula tem a forma *n* quando a palavra seguinte começa com vogal e a forma *na* quando a palavra seguinte começa por consoante; (c) em Guajá, a eliminação de vogais iniciais de temas verbais dissilábicos em certos contextos sintáticos, a eliminação de todas as instâncias de *j* final; (d) em Ka'apór, a fusão de *u* e *o* em *u* e de *ĩ* e *õ* em *ũ*, a generalização do morfema *ĩʔm* como estratégia única de negação, a eliminação da distinção entre primeira pessoa inclusiva e primeira pessoa exclusiva (Corrêa da Silva 1997), o surgimento de um glide labial seguindo *k*, quando esse som é precedido de *u* e seguido de uma vogal diferente de *u* (*\*o-kér* > *u-kwé* 'ele dorme'); e no Wajampí do Jarí, a perda de todas as antigas consoantes finais e do caso argumentativo (Jensen 1988).

Por outro lado, deve ser considerado o fato de que pequenos grupos de línguas do ramo VIII possuem certas particularidades não encontradas nas demais. Assim, o Jo'é e o Wajampí possuem dois prefixos que marcam o paciente de segunda pessoa de verbos transitivos quando o agente é de primeira pessoa: *oro-* '2' e *poro-* '23', mas o agente não é marcado. A palavra para esposa em Jo, Wy, Wp e Em corresponde à construção do PTG *-er-ekw-ár* 'causativo comitativo-estar.em.movimento-nom de agente', enquanto que em Gj é *-mirikó* e em Kp é *-akehár*.

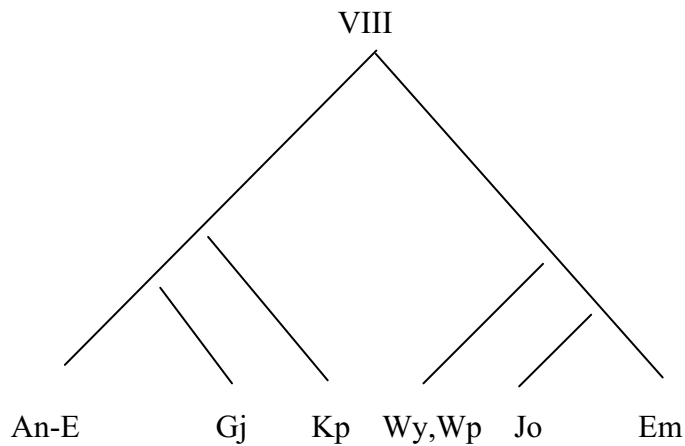
Há também características comuns com as de línguas de outros subconjuntos, assim como elementos compartilhados com línguas de origem genética distinta, o que pode ser explicado como resultado de contato lingüístico. As línguas situadas ao norte do rio Amazonas, por exemplo, tomaram emprestadas várias palavras de línguas Karíb ao migrarem para uma região em que há grande número de línguas dessa família lingüística. Vários desses empréstimos são comuns às quatro línguas, o que pode favorecer a hipótese de que esses empréstimos tenham ocorrido antes de essas línguas se tornarem línguas independentes. Um exemplo disso é o morfema *kã* 'coletivo' do Jo'é, *kóm* 'coletivo/associativo' do Émerillon e o morfema *kũ* 'plural' do Wy e do Wp. A fonte provável desse empréstimo é o plurazidor de nomes *kom* encontrados em línguas como o Wajana (Karíb).

O contato de todas as línguas do ramo com variedades da Língua Geral Amazônica (LGA) é também fortemente visível. Como mencionado anteriormente, todas as línguas do ramo possuem instâncias de *tʃ*, *ts* ou *s*, que muito provavelmente nelas penetraram por meio do contato direto de seus falantes com falantes da LGA. Outros traços das línguas do ramo VIII que podem ter-se desenvolvido por meio de contato com falantes da LGA são: (a) a existência de uma única forma para expressar o reflexivo e o recíproco; (b) a eliminação dos prefixos correferenciais de línguas como o Ka'apór e o Guajá. Na segunda metade do século XVIII já havia uma tendência da LGA em usar uma única forma para expressar tanto o reflexivo como o recíproco, assim como em usar o relacional de não contigüidade em situações onde o correferencial de terceira pessoa era esperado (Cabral 2001). O Ka'apór é a língua do ramo VIII que parece ter sofrido mais mudanças estruturais sob a influência da LGA.

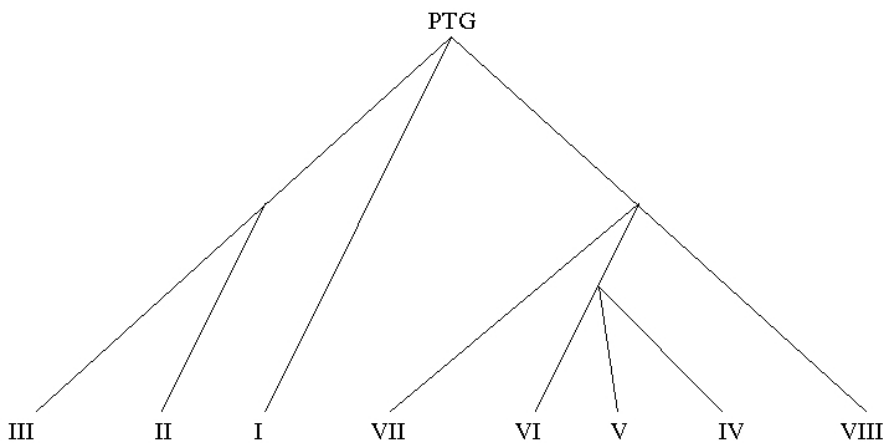
Quanto ao Guajá, há fortes evidências de que tenha sofrido interferência nos níveis lexical, fonológico e gramatical de línguas Tupí-Guaraní de outros ramos. A mudança ocorrida nessa língua de várias instâncias de reflexos do PTG *\*e* que mudaram para *\*a* pode ter-se dado por meio de contato com falantes da língua Anambé do Cairari: An-C *ihá*, Gj *ihá* 'primeira pessoa do singular independente', An-C *há*, Gj *há* 'primeira pessoa do singular dependente'. Indicações de contato com o Tenetehára (Guajajára ou Tembé) são a forma do sufixo do modo indicativo II *-ni*, que é *-n* em Tembé e em Guajajára. Outros traços que podem ter sido adquiridos por meio de contato com o Tenetehára são a presença do caso argumentativo também em temas terminados por vogal (um traço típico das línguas do ramo IV, a que pertence o Tenetehára) e em pronomes independentes, e o morfema que marca o modo subjuntivo *mehē* que é *mehé* em Tembé e Guajajára. O alomorfe do morfema de gerúndio que passou a ocorrer em Guajá seguindo vogais (*-pá* ~ *-má*) pode ter surgido também da situação de contato com o Tenetehára que generalizou a marca *upé* ~ *pé* para as construções no gerúndio.

Embora os diferentes pontos discutidos neste estudo apontem para a origem comum das línguas do ramo VIII, mostram, por outro lado, o que pode ser considerado como exclusivo da história mais particular de subgrupos de línguas dentro do ramo. Neste estudo mostramos também indicações de contato dessas línguas com línguas de outros ramos da família Tupí-Guaraní, assim como com línguas pertencentes a outras famílias lingüísticas. Com base nos resultados obtidos até agora apresentamos em forma de árvore a configuração do provável desmembramento do ramo VIII da família TG no quadro I. O quadro II reproduz a árvore genealógica da família Tupí-Guaraní apresentada em Rodrigues e Cabral (2001):

**Quadro I: Ramo VIII da família Tupí-Guaraní**



**Quadro II - Família Tupí-Guaraní**



## Referências

- Cabral, A. S. A. C. (1996a), Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. *Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras* nº 4, p. 47-76. Belém: UFPA.
- \_\_\_\_\_ (1996b), Notas sobre a fonologia segmental do Jo'é. *Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras*, nº 4, p. 23-46. Belém: UFPA.
- \_\_\_\_\_ (2000), Fonologia da língua Jo'é. *Universa, Revista da Universidade Católica de Brasília* vol. 8, p. 571-596.
- \_\_\_\_\_ (2001), Natureza das mudanças gramaticais ocorridas na Língua Geral Amazônica no séc. XVIII. Trabalho apresentado na 53a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Salvador, Universidade Federal da Bahia.
- Corrêa da Silva, B. C. (1997), Urubú-Ka'apor, da gramática à história: a trajetória de um povo. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Ehrenreich, P. (1895), Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: Vocabulare der Guajajara und Anambe. *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 27, p. 163-168.
- Grenand, F., (1989), *Dictionnaire Wayãpi-Français*, Paris, Peeters/SELAF.
- Jensen, C. J. (1989), *O desenvolvimento histórico da língua Wayampí*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Julião, M R. S. (1993), A Língua dos índios do Rio Cairari. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Lange, A. (1914). *The Lower Amazon*. New York/London.
- Magalhães, M. M. S. (2002a), Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_ (2002b), Pronomes e prefixos pessoais da língua Guajá. Trabalho apresentado no encontro da ANPOLL em Gramado, RS.
- Rodrigues, A. D. (1985), Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní, *Revista de Antropologia*, 27/28:33-53. São Paulo.
- \_\_\_\_\_ e Cabral, A. S. A. C. (2002), Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In: Cabral, A. S. A. C., e A. D. Rodrigues (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, tomo I. Belém: UFPA, p. 327-337.
- Rose, F. (2000), Eléments de phonétique, phonologie et morphophonologie de l'émérillon (teko). Mémoire de maîtrise, Université de Lyon.

\_\_\_\_\_ (2003). "Serial verbs" and "gerunds" in Emérillon: a shift from marked subordination to serialization. Trabalho apresentado durante o encontro da SSILA em Atlanta, Estados Unidos.